



A LEITURA DO CONTO *OLHOS D'ÁGUA*, EM UMA PERSPECTIVA ÉTICO- ESTÉTICO-DISCURSIVA*

READING THE TALE *OLHOS D'AGUA* FROM AN ETHICAL-AESTHETIC- DISCURSIVE PERSPECTIVE

José Ricardo Carvalho¹

Joice Barreto dos Santos Almeida²

Resumo: Este artigo explora a leitura do conto *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, sob a ótica ético-discursiva a fim de compreender o espaço da memória com elemento constitutivo da identidade e recriador da realidade. Com base nos estudos do círculo de Bakhtin (2010, 2011, 2016), realizamos uma análise das relações dialógicas, tomando como ponto de partida a vinculação do mundo da vida com o da criação estética. Para tanto, recorreremos às vivências do autor-pessoa Conceição Evaristo que resgata memórias da infância para ressignificar as lembranças em torno da cor dos olhos de sua mãe. Diante dessa análise, discutimos o processo de criação estética e da escrivência, valorizando a posição da escritora, enquanto mulher negra e periférica, para compreender as relações axiológicas presentes no espaço social e cultural.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Relações dialógicas. Criação estética. Escrivência. Ressignificação de memórias. *Olhos d'água*.

Abstract: This article explores the reading of the short story “Olhos d’água” by Conceição Evaristo, from an ethical-discursive perspective in order to understand the space of memory as a constitutive element of identity and recreator of reality. Based on studies of the Bakhtin circle, we carried out an analysis of dialogical relationships, taking as a starting point the link between the world of life and that of aesthetic creation. To do so, we draw on the experiences of author-person Conceição Evaristo who rescues childhood memories to give new meaning to memories around the color of his mother’s eyes. Given this analysis, we discuss the process of aesthetic creation and writing, valuing the position of the writer, as a black and peripheral woman, to understand the axiological relationships present in the social and cultural space.

Keywords: Conceição Evaristo. Dialogical relationships. Aesthetic creation. Writing. Reframing of memories. *Water eyes*.

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela UFF; Professor de Linguística e Produção Textual do DLE-V-UFS. Professor do mestrado PROFLETRAS-UFS. Líder do grupo de pesquisa GEADAS (Grupo de Estudos Alfabetização, Discurso e Aprendizagens). Membro do GEPLA (Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada). E-mail: ricardocarvalho.ufs@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6196-5824>.

² Mestra em Letras pelo PROFLETRAS-UFS; mestra em Ciências da Educação pela Universidade San Carlos – PY. membra do grupo de pesquisa GEADAS (Grupo de Estudos Alfabetização, Discurso e Aprendizagens). Coordenadora Pedagógica da Rede Estadual da Bahia. Professora da Rede Municipal de Crisópolis-BA. E-mail: joicefernanda08@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6894-300X>.

* Artigo recebido em 30 de novembro. Aceito para publicação em 28 de dezembro de 2023.

Introdução

Um dos principais desafios enfrentados pelas escolas hoje em dia está relacionado ao trabalho de leitura de textos literários com compreensão ativa. Essa compreensão vai além do simples reconhecimento do enredo de uma história. Ela envolve uma posição responsiva do leitor em relação ao discurso presente no texto. Nesse sentido, é importante destacar que a compreensão ativa não é um processo isolado, mas uma atividade de interação entre autor e leitor. O autor, ao criar uma obra literária, insere nela suas experiências, conhecimentos e visões de mundo. O leitor, por sua vez, traz suas vivências e sua visão de mundo.

Nesse contexto, adotamos uma proposta de leitura ético-crítica que enfatiza os processos de valoração das vozes presentes no texto. Isso significa que buscamos compreender as implicações éticas e axiológicas subjacentes à construção discursiva. Neste estudo exploramos procedimentos de leitura ético-estético-discursivos aplicados ao texto literário, fundamentados nos estudos do círculo de Bakhtin (2010, 2011, 2016)³. No cerne da pesquisa, destacamos a relevância do ato ético responsável na compreensão ativa dos textos literários, levando em consideração as perspectivas individuais e históricas no processo interpretativo.

Sabemos que a literatura, como manifestação artística, nos permite explorar aspectos sensíveis da experiência humana, como emoções, valores, dilemas morais e questões sociais. Ela amplia nossa visão de mundo para além das explicações lógicas e racionais, convidando-nos a mergulhar nas complexidades da vida humana. A literatura brasileira, por longo tempo, foi caracterizada por uma perspectiva eurocêntrica que marginalizava as vozes e experiências das mulheres negras. Conceição Evaristo emerge como uma figura crucial ao desafiar essa tradição, dando voz e profundidade psicológica às personagens femininas negras em suas obras. Suas narrativas exploram não apenas os desafios tangíveis da discriminação racial e social, mas também as batalhas internas e emocionais enfrentadas por essas mulheres.

Evaristo resgata memórias e vivências do cotidiano, proporcionando uma ponte entre passado e presente, enriquecendo suas narrativas com vozes historicamente silenciadas. Sua obra destaca-se pela conexão com a ancestralidade africana, evidenciando a importância das raízes culturais. Sendo assim, detectamos a necessidade de ler um de seus contos sob o enfoque ético-discursivo, destacando a necessidade de uma leitura crítica, que explore o universo ético-estético-discursivo.

³ A ideia central deste artigo faz parte das atividades do projeto de pós-doutorado de José Ricardo Carvalho, supervisionado pela Prof.^a Dr.^a Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin, intitulado *O domínio das capacidades de linguagem para formação do leitor crítico-responsivo* e da dissertação de Mestrado Profissional PROFLETRAS *A compreensão das relações dialógicas no conto Olhos d'água de Conceição Evaristo* de Joice Barreto dos Santos Almeida.

Por esse caminho, a abordagem bakhtiniana nos ajuda a realizar uma análise das relações dialógicas, proporcionando uma compreensão mais vinculada ao mundo vida concreta transfigurada no universo ficcional. Ao aplicar a abordagem ético-discursiva à análise, escolhemos o conto *Olhos d'água*, a fim de explorar as camadas simbólicas, éticas e estéticas que compõem essa narrativa. Isso nos permite adentrar em questões no campo da leitura abordadas por Conceição Evaristo, tais como identidade, ancestralidade e relações familiares, apontando para possibilidades de percursos didáticos de leitura da literatura desse conto no espaço escolar.

Sobre o processo de criação estética no espaço da compreensão responsiva

Para Bakhtin (2011), o processo de criação estética se dá a partir da relação estabelecida entre o eu e outro, em que se tem como pressuposto o encontro de duas consciências que não coincidem no plano das ideias. Esse fenômeno estético se materializa no processo de criação verbal quando o autor realiza dois movimentos cruciais – empatia e exotopia. Vale ressaltar que esses movimentos não se referem, primariamente, a deslocamentos de ordem espacial ou cognitivo, mas a desdobramentos axiológicos (crenças, opiniões, valores). O movimento de empatia implica uma identificação e compreensão empática em relação ao outro, enquanto o movimento de exotopia se traduz na capacidade do autor explorar seu excedente de visão para estabelecer um posicionamento responsivo.

O estágio inicial da atividade estética, denominado empatia, manifesta-se quando o 'eu' se dedica ao outro, em um ato de profunda identificação com sentimentos, emoções e motivos que justificam suas ações. Nesse momento, o 'eu' se posiciona no lugar do outro, aproximando-se da perspectiva do interlocutor, enxergando a partir de seu ponto de vista. No entanto, Bakhtin esclarece que a atividade estética atinge seu ápice quando o 'eu', para além de compreender e sentir como o outro vivencia, expande sua própria perspectiva, utilizando outros conhecimentos que permitem estabelecer um juízo de valor no contexto mais amplo de interação. Isso implica um acabamento da experiência alheia, seja no plano da vida ou no plano estético.

A atividade estética começa propriamente quando retornamos e damos acabamento ao material da compenetração; tanto essa informação quanto esse acabamento transcorrem pela via em que preenchemos o material da sua consciência sofredora, elementos esses que agora têm uma nova função, não mais comunicativa e sim de *acabamento* (BAKHTIN, 2011, p. 25).

Bakhtin destaca que a atividade estética atinge seu ponto crucial quando o sujeito, enquanto autor-criador, retorna ao material obtido durante o processo de compenetração para realizar um trabalho artístico e estético significativo. Nesse contexto, a compenetração refere-se à imersão na vivência do outro, enriquecendo

sua própria consciência, conferindo-lhe uma visão sensível do lugar. O autor-criador não apenas comunica o que foi compreendido, mas molda e aprimora artisticamente o material, conferindo-lhe uma estética que transcende a mera representação da realidade vivida.

Sob essa perspectiva, é crucial reconhecer que o papel de autor-criador, responsável por conduzir a empatia e exotopia (excedente de visão), não é exclusivo do escritor. Aqueles que interagem com uma obra literária também possuem a capacidade de exercer empatia e exotopia durante o processo de criação estética, contribuindo para a produção de sentido. Nesta dinâmica estética, a relação entre autor-criador e autor-contemplador (leitor) desempenha papel crucial, e a responsabilidade pela empatia e exotopia não é exclusiva do escritor.

O processo de criação estética de Conceição Evaristo

Bakhtin (2011) descreveu o processo de produção do texto literário na obra *Estética da criação verbal*, discutindo a construção dialógica entre as entidades autor-pessoa, autor-criador, narrador e personagens, para compreender os gestos de autoria de quem escreve uma obra literária. A autoria é destacada de duas formas, o autor enquanto pessoa e o autor enquanto criador, considerando, sempre, os elementos ético-axiológicos presentes na vida e na arte. Esse pensamento bakhtiniano foi de encontro ao grupo do formalismo russo⁴, que defendia a relação com as obras, apenas levando em consideração os elementos constitutivos do texto, desconsiderando a autoria do sujeito enquanto atividade histórico-cultural, marcada por vozes sociais e posicionamentos axiológicos.

Assim, para Bakhtin (2011), no processo de construção estética verbal, há dois sujeitos envolvidos – o autor-pessoa e o autor-criador. O autor-pessoa diz respeito ao ser humano no plano da vida que enfrenta os desafios e contingência da realidade concreta. Em nosso estudo, o autor-pessoa é representado pela pessoa física da mulher negra e escritora – Maria da Conceição Evaristo de Brito, mais conhecida como Conceição Evaristo. Ela nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 29 de novembro de 1946. Filha da lavadeira Joana Josefina Evaristo. Conceição Evaristo foi a segunda de nove irmãos, sendo três irmãos do mesmo pai e mãe, e mais cinco irmãos do segundo casamento da mãe. Passou toda a infância e adolescência marcada pela pobreza. Viveu a primeira fase de sua vida na favela Pindura Saia – localizada na região Centro-Sul da capital mineira.

⁴ O formalismo russo foi um grupo de jovens alunos da Universidade de Moscou, fundado em 1914. Tinha como objetivo desenvolver estudos de poética e linguística para identificar o processo de literalidade imanente ao texto. Para o grupo, a ciência da literatura deveria estudar a literalidade, empregando a linguagem de modo peculiar sem explorar o universo ideológico.

Quando Conceição completou sete anos, foi morar com a tia (irmã mais velha da mãe) que também era lavadeira e seu tio Antônio João da Silva (pedreiro). Apesar de continuar imersa na miséria, o convívio com a tia foi mais personalizado, pois o casal não tinha filhos. Aos oito anos, Conceição já trabalhava como doméstica, desempenhando diferentes funções, seja como diarista ou como babá. Conceição relata passagens de sua vida, no ano de 2009, quando participou do I Colóquio de Escritoras Mineiras, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, nele ela declarou:

A ausência de um pai foi dirimida um pouco pela presença de meu padrasto, mas, sem dúvida alguma, o fato de eu ter tido duas mães suavizou muito o vazio paterno que me rondava. Aos sete anos, fui morar com a irmã mais velha de minha mãe, minha tia Maria Filomena da Silva. Ela era casada com Antônio João da Silva, o Tio Totó, viúvo de outros dois casamentos. Não tiveram filhos. Fui morar com eles, para que a minha mãe tivesse uma boca a menos para alimentar. Os dois passavam por menos necessidades, meu Tio Totó era pedreiro e minha Tia Lia, lavadeira como minha mãe. A oportunidade que eu tive para estudar surgiu muito da condição de vida, um pouco melhor, que eu desfrutava em casa dessa tia. As minhas irmãs enfrentavam dificuldades maiores (EVARISTO, 2009).

O estado de pobreza, vivido por Conceição e a vontade de melhorar a sua situação socioeconômica, levou Conceição a tomar a iniciativa de sair do local onde morava. Então, em 1973, Conceição mudou-se para o Rio de Janeiro, lá ela conseguiu se formar em Letras, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, seguir a carreira de magistério até se aposentar em 2006, lecionando na rede pública fluminense. Além da graduação, Conceição tornou-se mestra pela PUC-RIO, em 1996, com a defesa de dissertação *Literatura Negra: uma poética de Nossa Afro-brasilidade*, e conseguiu defender a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos*, tornando-se doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF) no ano de 2011. Paralelamente, Conceição Evaristo emergiu como escritora de contos e poemas ao participar do movimento literário afro-brasileiro e publicar suas criações literárias na série *Cadernos Negros*, a partir de 1990. Seu primeiro livro solo, *Ponciá Vicêncio*, foi lançado em 2003, fortalecendo ainda mais sua posição como escritora e ativista cultural.

Conceição Evaristo, ao se tornar autora-criadora, vai além de um mero relato de sua própria vida; ela se torna arquiteta de uma linguagem estética com um projeto de dizer que reflete e dialoga com as dimensões éticas, estéticas e axiológicas sobre a vida dos corpos negros. Sua escrita se configura como um espaço de luta e resistência dos corpos negros explorados pela sociedade capitalista. Seus textos dialogam com um amplo espectro das experiências humanas, construindo

uma elaboração artística singular no campo da literatura afro-brasileira. Nesse sentido, Bakhtin (2011) chama atenção para o papel do autor-criador, entidade responsável processo da criação estética, conforme explica e reafirma Faraco (2005).

Ele é entendido fundamentalmente como uma posição estética-formal cuja característica básica está em materializar uma certa relação axiológica com o herói e seu mundo: ele os olha com simpatia ou antipatia, distância ou proximidade, reverência ou crítica, gravidade ou deboche, aplauso ou sarcasmo, alegria ou amargura, generosidade ou crueldade, júbilo ou melancolia, e assim por diante (FARACO, 2005, p. 38).

Faraco, apoiado nos pressupostos bakhtinianos, demonstra que o autor-criador é responsável por uma arquitetônica que configura o espaço, o tempo e a compreensão do herói (personagem) em um projeto estético. Do mesmo modo, Conceição Evaristo, como autor-criador, não apenas narra suas vivências, mas, de forma inovadora, infunde suas histórias numa poética que reflete e dialoga com as dimensões éticas e axiológicas sobre a vida dos corpos negros. Assim, em nossa análise, podemos transitar pelo campo artístico passear pelos dois campos: o campo do autor-criador relacionado à arte e ao campo do herói relacionado com o plano da vida. Destacamos o lugar do autor-criador que possui um posicionamento valorativo diante do herói e do mundo, apontando para a exposição de consciências que dialogam.

A consciência da personagem, seu sentimento e seu desejo de mundo – diretriz volitivo-emocional concreta –, é abrangida de todos os lados, como um círculo, pela consciência concludente do autor a respeito dele e do seu mundo; as afirmações do autor sobre a personagem abrangem e penetram as afirmações da personagem sobre si mesma (BAKHTIN, 2011, p. 11).

A interação entre essas consciências cria um contexto dinâmico onde as afirmações do autor penetram e abrangem as afirmações da personagem, gerando uma teia de significados entrelaçados. Esse diálogo constante entre autor-criador e personagem contribui para a riqueza e a profundidade da narrativa, destacando a complexidade das representações e a interconexão entre as diferentes vozes presentes na obra. Bakhtin (2011) observa que o autor e o herói não estão no mesmo plano, pois na construção do personagem, o autor precisa se tornar outro, em um movimento de aproximação e afastamento (extralocalidade), denominado por ele de *exotopia*. Essa relação pontuada pode ser melhor compreendida na arquitetônica, ou seja, no projeto estético do autor.

Para compreender a criação estética verbal da obra de Conceição Evaristo, cabe entender a arquitetônica concebida pela autora, na qual se pode observar o encontro – entre o eu, o outro e o mundo. Sobre essa abordagem, podemos aproximar, mas não se equiparar, ao conceito de *escrevivência* criado por Conceição Evaristo.

A autora, ao comentar sobre a gênese de sua escrita, relata que desde a infância foi cercada de oralidade e através de histórias contadas pela sua mãe e suas tias, tendo essa perspectiva pelo gosto por narrativas. Posteriormente, em seu processo de reflexão sobre a sua experiência de escrever texto literário, denominou o seu processo de criação estética de “escrevivência”, no qual vincula reflexão, escrita e vivência.

Vinha maturando ao longo do tempo. Em 1994, na minha dissertação de mestrado, fiz um jogo de palavras entre escrever, viver, escrever-se vendo e escrevendo vendo-se e aí surgiu a palavra Escrevivência. Em 2005, se não estou enganada, estive num seminário sobre mulher e literatura, no Rio de Janeiro, e houve uma mesa de escritoras bem diversa. Terminei meu relato dizendo que nossa Escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim para acordá-los de seus sonos injustos (EVARISTO, 2018, p. 37).

A noção de escrevivência, apresentada por Conceição Evaristo, parte de um olhar para a vida, um olhar para as pessoas (coletividade) e, por fim, a transfiguração dessas realidades na produção de um discurso ficcional. Logo, pode-se concluir que no processo de escrevivência se constrói o autor-criador.

Conceição Evaristo vai tratar em seus textos de situações rotineiras vivida pela mulher negra na sociedade brasileira, todavia numa perspectiva diferente de alguns outros autores, pois os seus personagens vão apresentar uma negra/um negro que tem uma cultura, ancestralidade, sentimentos, desejos, sonhos, desmistificando uma imagem por muito consolidada na literatura brasileira.

De modo amplo, a escrita de Conceição Evaristo não segue estritamente o formato autobiográfico. Contudo, é possível constatar que a temática central de suas outras obras orbita em torno da experiência da mulher negra. A peculiaridade dessa escrita, que transcende o individual, tem como foco representatividade de um coletivo. Sendo assim, essa escrita não se esgota no indivíduo, mas, ao contrário, aprofunda-se, amplia-se e abraça a história de uma coletividade.

A Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si (EVARISTO, 2020, p. 35).

Dessa forma, é importante entender que as vozes que ecoam no conto de Conceição Evaristo (2020, p. 30) têm muito dessa coletividade que ela representa “Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana”, ou seja, os discursos do conto são carregados de relações dialógicas, que suscitam no leitor um ato responsivo em torno da temática da mulher negra na sociedade brasileira.

Análise das relações dialógicas do conto "Olhos d'água"

Em nossa análise da obra *Olhos d'água* de Conceição Evaristo, observamos que a autora, sob uma perspectiva testemunhal, estabelece uma relação intrínseca com o herói, conferindo um olhar de contemplação sobre a existência no tempo presente e no passado. A trama desvela o drama enfrentado pela protagonista ao perceber que não consegue recordar a cor dos olhos de sua mãe, explorando assim a complexidade das relações familiares e a profundidade das memórias pessoais que compõem a tessitura da identidade da personagem. Por esse viés, é iniciada a narrativa com a seguinte inquietação:

Entre um fazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite, se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe? (EVARISTO, 2014, p. 15).

Esse conflito interno vivido pela personagem pode ser denominado como sendo uma expressão do microdiálogo. A cada expressão de inquietação, feita pela personagem, faz com que o leitor amplie seu excedente de visão, pois são tempos diferentes e nesses são disponibilizadas ao leitor novas informações acerca da narrativa analisada.

Maciel (2014) observa a análise das relações dialógicas desenvolvidas por Bakhtin em sua obra *Problemas da poética de Dostoiévski*. O pesquisador brasileiro observa as relações dialógicas que contribuem para a configuração do romance polifônico, destacando: o microdiálogo, o diálogo composicionalmente expresso e o grande diálogo. Para compreender as relações dialógicas é preciso observar a esfera externa e interna vinculada ao texto. No âmbito das relações externas, enquanto grande diálogo, Bakhtin (2018) observou que

No diálogo do seu tempo, Dostoiévski auscultava também os ecos das vozes-idéias do passado, tanto do passado mais próximo (dos anos 30-40) quanto do mais distante. Como já dissemos, ele procurava auscultar também as vozes-idéias do futuro, tentava adivinhá-las, por assim dizer, pelo lugar a elas destinado no diálogo do presente, da mesma forma que se pode adivinhar no diálogo já desencadeado a réplica ainda não pronunciada do futuro. Deste modo, no plano da atualidade confluíam e polemizavam o passado, o presente e o futuro. (BAKHTIN, 2018, p. 109).

Neste contexto, todas as ideias que inspiram a criação estética têm como ponto de apoio a realidade vivida em contato com discursos produzidos no passado, mobilizando a produção de diálogos que coadunam em um discurso bivocal.

todas as relações entre as partes externas e internas e os elementos do romance têm nele caráter dialógico; ele construiu o todo romanesco como um “grande diálogo”. No interior desse “grande diálogo” ecoam, iluminando-o e condensando-o, os diálogos composicionalmente expressos das personagens; por último, o diálogo se adentra no interior, em cada palavra do romance, tornando-o bivocal, penetrando em cada gesto, em cada movimento mímico da face do herói, tornando-o intermitente e convulso; isto já é o “microdiálogo”, que determina as particularidades do estilo literário de Dostoiévski (BAKHTIN, 2018, p. 109).

As relações dialógicas ultrapassam as réplicas presentes nos diálogos composicionalmente expressos nas interações face a face e os microdiálogos. Se no diálogo expresso nas interações é construído no exterior, em processo de troca verbal explícita; no microdiálogo, as relações dialógicas resultam de um estado de reverberação de diálogos construídos no interior da consciência e nele é possível acompanhar pensamentos, inquietações, conflitos internos vividos por um personagem. Essas formas de interação são manifestações verbais que estão atreladas ao grande diálogo que se remete à ancestralidade africana da autora.

E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum (EVARISTO, 2014, p. 18-19).

Em se tratando do excerto acima, há um diálogo entre o herói e a coletividade de vozes representadas pela ancestralidade africana, ecoando a cultura e ao mesmo tempo condensado na personagem. Seguido de um microdiálogo, a personagem vai expor um conflito interno – não lembrar a cor dos olhos da mãe. Ela está em um lugar distante e essa falta de aproximação espaço-temporal a faz buscar em suas memórias situações vividas na infância para lembrar a cor dos olhos da mãe.

Nesse processo de retorno ao passado, pelo resgate de suas origens, do conhecimento dos costumes africanos, a protagonista traz um sentimento de pertencimento e valorização de sua etnia. Portanto, podemos perceber nesse jogo de memória afetiva, vozes sociais que reforçam questões axiológicas de valor à cultura ancestral. A narrativa revela-se como um diálogo com a cultura afro-brasileira, permeada por marcas estilísticas da oralidade. A habilidade de Evaristo, como autor-criador, não apenas destaca a representação estética, mas também sublinha a importância de resgatar as raízes culturais vinculadas à experiência coletiva e histórica da comunidade negra. Podemos notar isto no trecho do conto por nós analisado.

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas que cor eram os olhos da minha mãe? (EVARISTO, 2014, p. 18).

Essa passagem do conto revela a complexa relação de Conceição Evaristo com sua identidade, memória materna e conexão com a ancestralidade. Ao se questionar sobre a cor dos olhos de sua mãe, ela não apenas se indaga sobre uma característica corporal, mas busca se reconhecer na sua origem e raízes. A rememoração do passado destaca a influência marcante das figuras femininas em sua vida presentes em sua família. A referência às “Yabás” e a homenagem às ancestrais africanas sublinham a importância da memória coletiva e do legado cultural. A preocupação com a ancestralidade transcende a mera curiosidade genealógica; é uma expressão de reverência e reconhecimento pela trajetória e sabedoria transmitidas ao longo das gerações, uma temática recorrente em toda sua obra.

Conceição Evaristo, por meio da sua obra, demonstra uma notável habilidade estética, utilizando uma linguagem rica e sensível para explorar o universo da experiência humana, especialmente no contexto da mulher negra. Sua escrita transcende as fronteiras entre a prosa e a poesia, criando uma narrativa que não apenas conta uma história, mas dialoga com as emoções e memórias que lhe constitui como pessoa. A construção estética verbal de Conceição Evaristo utiliza alguns recursos estilísticos que geram impacto no leitor, como, por exemplo, colocar em evidência sensações e emoções diante do encontro. A cena do reencontro da narradora com sua mãe, após longo período distante, leva narradora para memórias da ancestralidade. Por fim, a autora utiliza a técnica de suspense ao introduzir a pergunta intrigante sobre a cor dos olhos da mãe, criando uma expectativa no leitor que culmina com a revelação da cor dos olhos da mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi, Minha mãe traz, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeita o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água (EVARISTO, 2014, p. 18).

A criação da metáfora *olhos d'água* confere uma camada poética à narrativa, transcendendo a simples descrição física para explorar o universo emocional e simbólico. Ao descrever a mãe com lágrimas e sorriso simultâneos, Evaristo tece uma cena paradoxal que revela a complexidade e a dualidade das experiências humanas. A metáfora dos *olhos d'água* assume papel crucial nesse contexto, sugerindo não apenas a presença de lágrimas, mas evocando a imagem de rios caudalosos, aludindo à profundidade emocional e à serenidade que a mãe carrega consigo. A associação poética entre a cor dos olhos e a água cria uma atmosfera lírica, expandindo a compreensão do leitor para além do sentido literal. A escolha cuidadosa das palavras e a construção meticulosa da cena destacam a habilidade estética de Conceição Evaristo como autora-criadora. Sua capacidade de mesclar elementos visuais e emocionais, aliada à metáfora poderosa, contribui para a impactante resolução da história. A cor dos olhos transcende sua natureza física e torna-se uma representação simbólica da essência materna, conectando-se a um legado mais profundo e ancestral. Depois do encontro com a mãe, Evaristo apresenta a última cena que corresponde ao encontro com a protagonista com sua filha.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei, quando, sussurrando minha filha falou: Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2014, p. 19).

A inconclusibilidade, com a pergunta da filha, gera um desfecho no conto *Olhos d'água* que convida o leitor à uma reflexão sobre a construção da identidade diante das gerações futura. Ao deixar a pergunta da filha sobre a “cor tão úmida” dos olhos da mãe sem uma resposta explícita, cria-se uma lacuna que ressoa com a complexidade da experiência humana que apresenta mudança e continuidade acerca do sofrimento. A falta de uma resposta definitiva convida o leitor a se envolver ativamente na interpretação, deixando espaço para uma multiplicidade de questões em torno dos desafios enfrentados pela mulher na passagem do tempo. Essa estratégia literária promove uma experiência estética em que as vozes ressoam no universo intersubjetivo.

Como vemos, a narrativa de Conceição Evaristo ultrapassa o ato de contar histórias; pois manifesta formas de denúncia e resistência. A autora, dotada de expressão estilística singular, explora o universo poético, sem hesitar em expor,

de maneira visceral, as realidades cruéis enfrentadas pela população de mulheres negras brasileiras. Ela denuncia a pobreza e a fome, dois males sociais profundamente enraizados, por meio de suas palavras meticulosamente escolhidas, que funcionam como lentes aguçadas, revelando as camadas mais obscuras e negligenciadas da experiência humana.

Uma breve reflexão sobre a compreensão responsiva e a escrevivência

A análise do conto *Olhos d'água*, neste artigo, revela um caminho para a compreensão ativa, responsiva e responsável por meio de uma abordagem ético-discursiva proposta por Carvalho (2021, 2023), que sob a lente bakhtiniana traz contribuições para a leitura do texto literário. Enfatizamos a percepção do processo de criação estética em que o autor-pessoa se conecta ao autor-criador, a fim de dar vida aos personagens que transcendem a mera representação literária. Essas personagens se tornam entidades autônomas, cada uma com sua voz, perspectiva e complexidade.

No diálogo constante entre autor-contemplador e autor-criador surge a oportunidade de uma compreensão ativa e responsiva ao qual vinculamos como o processo de criação da escrevivência formulado por Conceição Evaristo. O autor-contemplador(lector), com seu excedente de visão, levanta questões sobre as escolhas estéticas, éticas e axiológicas presentes na obra. Ao se envolver em um diálogo com a narrativa, o leitor também se torna um participante ativo da construção estética.

Concordamos com Santana (2015), quando afirma a importância do processo de resignificação de elementos culturais das tradições africanas entre os afrodescendentes brasileiros. Este processo implica atribuição de novos significados a aspectos culturais, preservados na memória social, como meio de romper com estereótipos e consolidar uma identidade que reflete a riqueza e diversidade das raízes africanas. A oralidade é destacada como uma ferramenta fundamental nesse contexto, sendo uma das principais fontes da poética afro-brasileira contemporânea. Ao valorizar a oralidade, os afrodescendentes reivindicam a expressão autêntica de suas experiências, trazendo à cena literária uma multiplicidade de vozes e uma perspectiva crítica em relação ao legado colonizador.

Dentro dessa expressão literária, Evaristo aborda uma variedade de temas, destacando-se a religiosidade híbrida da comunidade afro-brasileira. Através de seus escritos, ela canta e celebra essa riqueza religiosa que é uma parte intrínseca da identidade cultural afrodescendente. Simultaneamente, a autora utiliza sua voz para gritar denúncias contra o persistente preconceito racial e de gênero que ainda permeia a sociedade brasileira. Sua obra transcende a mera representação artística, transformando-se em um veículo de conscientização e desafio, contribuindo significativamente para a construção de uma narrativa em diálogo com o cânone

literário. Desta forma, na obra *Conceição* realiza uma réplica aos discursos hegemônicos, conforme aponta Bakhtin.

A obra, assim como a réplica do diálogo, visa a resposta do outro (dos outros), uma compreensão responsiva ativa, e para tanto adota todas as espécies de formas: busca exercer uma influência didática sobre o leitor, convencê-lo, suscitar sua apreciação crítica, influir sobre êmulos e continuadores, etc. A obra predetermina as posições responsivas do outro nas complexas condições da comunicação verbal. (BAKHTIN, 2011, p. 298).

Essa compreensão responsiva ativa suscita uma apreciação crítica, portanto, desempenha papel ativo que convoca um posicionamento axiológico em meio às relações dialógicas. O conto *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, especialmente no contexto da concepção de escrevivência, incorpora uma atitude responsiva, pois explora uma narrativa que dialoga ativamente com a experiência vivida pelos afrodescendentes, especialmente as mulheres negras. Sua obra, nesse sentido, busca uma resposta ativa do leitor, desafiando-o a engajar-se criticamente com as questões sociais e culturais apresentadas.

O autor, ao criar uma obra literária, traz consigo sua visão de mundo, seus valores e suas intenções. Através das palavras escritas, ele estabelece um diálogo com o leitor, convidando-o a refletir sobre questões éticas e morais. O autor é responsável por apresentar situações, dilemas e conflitos que podem desafiar o leitor a questionar suas próprias convicções e compreender diferentes perspectivas éticas. Já o herói (ou os personagens) na obra literária desempenha um papel essencial na manifestação dos atos éticos. Suas ações, pensamentos e escolhas representam diferentes posições éticas e influenciam o curso da narrativa. O herói pode enfrentar dilemas morais, tomar decisões difíceis e ser confrontado com as consequências de suas escolhas. Através dessas representações, o leitor é levado a refletir sobre suas próprias atitudes e valores (CARVALHO, 2023, p. 175).

A leitura do conto, nesse artigo, corresponde a um exercício didático, pois frequentemente essa atividade explora a história, a cultura e as lutas da população afro-brasileira, impactando não apenas o leitor imediato, mas também influenciando outros escritores e pensadores. Ao incorporar elementos da oralidade e da tradição africana em sua escrita, Evaristo cria uma obra que convida os leitores a participarem de um diálogo interativo. Evaristo, ao abordar a complexidade das condições sociais e culturais da população afro-brasileira, abre espaço para posições responsivas do leitor em um contexto mais amplo. Sua obra desafia estereótipos, confronta o *status quo* e convoca o leitor, como um agente ativo, a construir novos sentidos sobre a existência da população afro-brasileira na sociedade, a partir do cruzamento do mundo vida com o espaço ficcional.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Prefácio da edição francesa: Tzvetan Todorov; introdução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas à edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Trad. Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- CARVALHO, José Ricardo. A consciência individual e o signo ideológico: uma leitura dos estudos de Volóchinov. **Revista Eutomia**, v. 1, n. 27, p. 307-324, 2020.
- CARVALHO, José Ricardo. Capacidades de linguagem específicas para o domínio da leitura sob a abordagem do ISD. In: CARVALHO, José Ricardo et al. **Agir de linguagem na escola e na universidade**. São Luís: EDUFMA, 2021.p. 74-100.
- CARVALHO, José Ricardo. Uma proposta de compreensão ético-discursiva na leitura do texto literário. In: AMORIM, Ivonete Barreto de; CASTRO, Selma Daltro Barros de; GONZÁLEZ, C. Máryuri Garcia (Org.). **Educação, políticas públicas e desenvolvimento social: contextos interdisciplinares**. 1. ed. Curitiba: Editorial Casa, 2023. p. 162-177.
- EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Depoimento no I Colóquio Escritoras Mineiras: poesia, ficção, memória**. Faculdade de Letras – UFMG, 2009.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas/Fundação Biblioteca Nacional, 2014.
- EVARISTO, Conceição. Esse lugar também é nosso. **Revista PUCRS**, Porto Alegre, n. 187, p. 36-38, jul./set. 2018. Disponível em: https://www.pucrs.br/revista/wp-content/uploads/sites/136/2018/07/revista_pucrs-0187.pdf. Acesso em: 10 jun. 2022.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora**. João Pessoa. Ideia: Editora Universitária – UFPB, 2005, p. 201-212.
- FARACO, Carlos Alberto. Interação e linguagem: balanço e perspectivas. **Calidoscópio**, v. 3, n. 3, p. 214-221, set./dez.2005.
- MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. **Relações dialógicas em narrativas**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- SANTANA, Marluce de Freitas. A tradição oral em Conceição Evaristo. **Revista Fórum identidades**. Itabaiana: GEPIADDE. v.18, ano 9, p. 191-208, maio/ago. 2015.